

A EXTERNALIZAÇÃO DO PROBLEMA E A MUDANÇA DE NARRATIVAS EM TERAPIA FAMILIAR COM CRIANÇAS

The externalization of the problem and narrative changes in family therapy with children

RESUMO: A externalização do problema como recurso linguístico em terapia é uma das grandes contribuições deixadas por Michael White. Com o intuito de manter viva sua escuta extraordinária para as imposições identitárias que as narrativas sobre as crianças adquirem, a autora relata o atendimento a uma família em que foi possível alcançar a mudança de narrativas sobre os medos de uma criança de nove anos de idade. O texto pretende refletir como a utilização da externalização do problema como ferramenta conversacional e da escrita como recurso terapêutico geraram novos significados através de relatos preferíveis para a criança e sua família.

PALAVRAS-CHAVE: Michael White; externalização; escrita-como-recurso; terapia familiar com crianças.

ABSTRACT: The externalization of the problem as a linguistic resource in therapy is one of the greatest contributions left by Michael White. As an attempt to keep alive his extraordinary sensitivity to identity impositions which narratives about children acquire, this article's author reports a family therapy whose nine-years old child could change her fears' stories. This text aims to reflect on how the utilization of externalization of the problem, as a tool for conversation and writing as a therapeutic resource, generated new meanings embodied in more desirable reports for the child and her family.

KEYWORDS: Michael White; externalization of the problem; writing resource; familiar therapy with children.

**ADRIANA BELLODI
COSTA CÉSAR**

Psicóloga clínica, terapeuta de casal e família, docente do Instituto Famíliae – Ribeirão Preto, SP.

INTRODUÇÃO

Ainda na graduação, nas tardes de estágio supervisionado em clínica, minha supervisora de terapia comportamental infantil comentava sobre as vantagens de se trabalhar com crianças como terapeuta. Por quê? Perguntávamos nós, aprendizes. Porque as crianças ajudam os terapeutas a se tornarem plásticos, dizia ela.

Convivendo com problemas infantis ao longo de anos de trabalho, construí um significado próprio para “plástico”: saber falar várias línguas (a oral, a lúdica, a teatral, a musical, a literária); entender que os professores dessas línguas estavam comigo na sala de terapia e que o tipo de relação possível teria que ser aprendida com eles. Essa “maleta da plasticidade” foi acrescida de duas outras ferramentas imprescindíveis quando a mudança terapêutica envolve crianças: espontaneidade e criatividade.

Como aluna e, posteriormente, docente do Instituto Famíliae, vivi o privilégio de conhecer e conviver com Michel White como parceiro teórico. Desde então, tornou-se uma voz inseparável na tarefa de ajudar crianças e suas famílias a se desfazerem de seus sofrimentos e de contribuir para o aprendizado dos profissionais que procuram formação em nosso Instituto.

White passou a ser um interlocutor especial para incrementar minhas narrativas de plasticidade como terapeuta.

Este texto surgiu do desejo de prestar a ele uma homenagem pela valiosa contribuição, pela competência em articular, brilhantemente, conhecimentos teóricos que geraram uma prática fortemente comprometida com a criatividade, a ética e o questionamento do poder como forma de normatizar e dominar as vidas das pessoas.

A escolha do relato clínico a seguir se deu por ser contemporâneo à vinda do autor ao Brasil (Salvador-BA, 2005)*. Assisti-lo foi uma experiência exemplar (e uma inspiração especial para essa terapia), pois, emprestando sua citação de Lionel Trilling: “é o fato de copiar o que permite inventar”¹

O RELATO DO CASO: UM ENTRE MUITOS TEXTOS

Lia tem nove anos e foi encaminhada pela escola a pedido dos pais que estão preocupados com o reaparecimento do medo que a impede de ir a festas de aniversários, passear em lugares públicos, como shoppings, praças e clubes com a família e ir à casa das coleguinhas para brincar. Além desses sintomas, também se recusa a comer qualquer coisa que não seja pão, biscoitos recheados, macarrão tipo miojo, batata frita e, muito esporadicamente, churrasco de picanha.

Os pais relatam que a filha não gosta de brincar com a irmã mais nova (cinco anos), se tranca no quarto e vive batendo na “coitada”, em vez de conversar e falar do que a incomoda. Sentada entre os pais, Lia algumas vezes se manifesta com voz trêmula,

embora seus olhos se movimentem, ativamente, entre seus rostos e o da terapeuta.

Lia vai compondo, à sua maneira, o texto iniciado pelos pais, buscando justificar suas atitudes: a comida daqui é ruim, a irmã dorme no mesmo quarto e mexe em suas coisas, aqui ela não pode sair na rua para brincar com outras crianças e “todo mundo tem mania de pôr máscaras para fazer graça nos aniversários”.

Aos poucos vai se constituindo o relato de uma família que busca ajuda para o *problema de Lia* e que, ao mesmo tempo, vive uma história de mudanças que traz um enorme exercício de adaptação a todos.

A família é oriunda de outra região do Brasil e se mudou para a cidade onde reside a terapeuta. Os pais, funcionários de uma instituição governamental de pesquisa, receberam uma licença de dois anos para fazer pós-graduação na Universidade do Estado de São Paulo (UNESP) local. Com isso, chegam à sua nova vida, instalando-se em um apartamento menor do que a ampla casa que possuem em sua cidade de origem; as crianças mudam de escola, os pais têm uma nova (e mais longa) jornada de trabalho. Trazem consigo a avó materna que aluga um apartamento ao lado do deles e uma funcionária da família que os acompanha desde que as crianças nasceram. Estas trazem também um sotaque regional que deixa os colegas de escola muito curiosos, gerando, em Lia, um incômodo lugar que a situa entre a vergonha e a irritação.

Por razões óbvias, não puderam trazer o pônei, animal de estimação das crianças, e a maior parte de seus brinquedos. Também sentem a falta da grande família que os cercava de afeto.

* Todos os comentários presentes no texto sobre o Workshop realizado por Michael White em março de 2005-Salvador, BA, são referentes às anotações feitas naquela ocasião.

Lia lembra, como que fazendo uma lista das separações, que a funcionária que os acompanhou nessa mudança não se adaptou, ficou muito triste nessa “cidade chata” e pediu para ir embora.

A essa altura da conversa os pais se perguntam se Lia é a única que precisa de ajuda. O que cada um perdeu? Como cada um tem sofrido essas mudanças? Quais são as habilidades que cada um tem que desenvolver para enfrentar os novos desafios? Com quem podem contar numa terra estranha? O medo de Lia e seu mau humor em casa (que determinaram a procura de ajuda profissional) são efeitos da mudança? E que efeitos tal mudança tem gerado na vida de cada um?

A mãe chora e expressa o seu pesar por impor tantas restrições à vida das filhas, o pai se ressentido por não poder contribuir mais para o bem estar da família. Está preocupado com a depressão da esposa e tentando aprender a cozinhar para melhorar o cardápio alimentar das crianças desde que a empregada foi embora.

Lia, ouvindo atentamente os pais, amplia seu discurso, lembrando que outro dia comeu a omelete que o pai fez, tem feito suas pesquisas na internet sozinha e imprimido figuras dos sites infantis para distrair a irmã cacula enquanto os pais não chegam do trabalho. E também lembra sorridente que, às vezes, lava os copos e pratos da pia depois do jantar.

Começa-se a construir uma narrativa em que as dificuldades e a coragem de enfrentar tamanho desafio são de todos. Lia já não se defende, fala com mais autoria e busca palavras de conforto para si própria e para os pais.

Dá-se o início a uma instigante parceria em que terapeuta e clientes

constroem juntos as ferramentas que irão compor as futuras mudanças terapêuticas.

O relato acima se refere ao primeiro atendimento de uma relação terapêutica que se estendeu por aproximadamente doze meses. Devido à carga horária imposta aos pais pelos trabalhos de pesquisa da pós-graduação, nem sempre estes estiveram presentes no desenrolar da terapia. O atendimento como um todo foi composto de encontros com a participação dos pais e filhas, encontros que incluíram apenas as crianças, encontros com as crianças e a avó e, no final do processo terapêutico, os encontros eram mais comumente realizados entre Lia e a terapeuta.

As relações familiares no novo contexto de vida foram sendo reorganizadas, de forma que os pais pudessem enfrentar tantas demandas com mais iniciativa e comprometimento, na medida em que o relacionamento entre as crianças, e entre essas e o mundo ganhava novos contornos em termos de segurança e sociabilidade. A avó cumpriu o seu propósito de ser cuidadora de adultos e crianças, desempenhando um papel fundamental no apoio doméstico e afetivo. Todavia, e os medos de Lia?

Apesar do conforto construído pelas novas pautas de relações familiares, os medos de Lia mostravam-se em firme expansão. Tendo o medo como queixa, definiu-se um novo pedido de ajuda terapêutica, que passou a ser o atendimento individual da criança.

As ferramentas clínicas orais e escritas para a abordagem dos relatos dominantes do medo constituem o objeto de reflexão deste artigo. Conseqüentemente, muitos outros aspectos

tos de relatos contidos no presente artigo deixarão de ser objeto de nosso estudo.

OS MEDOS DE LIA?

Segundo Michel White², nossas experiências são relatadas e organizadas em seqüências temporais, de forma que possamos dar sentido às nossas vidas e relações. O contar e recontar essas experiências constrói relatos que ganham o *status* de verdades normatizadoras ou, nas palavras do autor, adquirem o valor de relatos dominantes.

O relato dominante que conta com o consenso das pessoas implicadas no problema dos medos de Lia tem dia e hora de nascimento e, depois, como todos os relatos vivos, se desenvolve e adquire a maioria. Por maioria, aqui entendemos como organismos que ganham vida e decisões próprias.

Por volta dos dois anos de idade, Lia, numa festinha de aniversário, assustou-se muito com os animadores infantis, vestidos de palhaços, Minnies, Plutos, Patetas. Não levando em conta o choro da criança, eles a pegaram no colo para diverti-la e a levaram para perto das outras crianças. Os pais, com a intenção de ajudar a filha a participar das brincadeiras, permaneceram ao seu lado, perto dos personagens. Seu choro só cessou em casa, quando decidiram que afastá-la do local seria a única forma de acalmá-la.

Os medos de Lia foram então crescendo e tomando outras proporções, como medo de Coelhos da Páscoa, Papais Noéis, Máscaras de Carnaval e também manequins de vitrines, quando tinham alguma feição ou

vestimenta pouco usual. Além disso, tinha também pavor de cachorros, qualquer que fosse o seu porte, e aversão a gatos.

Sobre o medo de cachorros, os pais contam que Lia fora atacada por um cão grande e preto na calçada de sua casa, num momento em que os pais não estavam perto o suficientemente para evitar o ataque.

Michael White³ confere à questão do poder um papel central em sua teoria. Baseia-se em Michel Foucault quando analisa o poder em seus efeitos constitutivos na construção das narrativas das vidas das pessoas e de suas relações. Desse enfoque resulta o entendimento de que estamos submetidos ao poder por meio de conhecimentos construídos socialmente, aos quais se confere o *status* de “verdades”. Ao mesmo tempo em que são construídas, essas “verdades” produzem e mantêm o funcionamento do poder. O autor entende que os relatos dominantes são configurados por essas verdades normatizadoras, limitando as descrições que as pessoas podem desenvolver sobre si mesmas.

Em terapia, o papel do terapeuta, informado pelo trabalho de Michael White, é desconstruir a coesão dos relatos dominantes em busca dos conhecimentos locais produzidos pelos clientes, que estão à margem dos discursos saturados pelo problema. Pretende-se, com isso, questionar histórias que foram dadas como “verdadeiras” e possibilitar a ampliação de narrativas mais confortáveis para suas vidas.

Nas conversas familiares, o problema ou o “medo de máscaras” (nas palavras da criança) era narrado como algo que vinha paralisando, sistematicamente, a vida social e de lazer de

Lia. Na abordagem desse medo, por meio das conversas entre terapeuta e criança, outras descrições foram produzidas, buscando favorecer uma ampliação dos julgamentos de Lia sobre a construção desse medo.

A invenção da *externalização do problema*¹ como ferramenta terapêutica para a construção da mudança na clínica infantil, é uma das contribuições mais criativas e marcantes do trabalho de Michael White. Trata-se de uma abordagem que estimula as pessoas a visualizarem sua relação com os problemas que as oprimem.

Como recurso terapêutico, a externalização permite que a pessoa possa se ver separada de suas descrições problemáticas. Dessa forma, o problema, sendo colocado como externo ao cliente, favorece a construção conjunta de soluções sem o ônus da responsabilidade e da culpa. Trabalhar com esse recurso linguístico resulta que a criatividade tanto do cliente quanto do terapeuta seja utilizada tão amplamente quanto a relação e o contexto terapêutico permitirem; possibilita o uso da linguagem lúdica como forma de aproximação do sofrimento, tornando a dor tão visível e externa ao cliente e suas relações a ponto de ser tocada.

Tal ferramenta clínica promove a visibilidade de outras descrições identitárias, que vão além daquela imposta pelo problema, e busca compreender: a) a influência que o problema tem sobre a vida da pessoa e b) a influência que a pessoa tem sobre a vida do problema.

Dentro dessa última perspectiva, Lia expressou, com muita veemência, sua indignação frente ao hábito, incompreensível para ela, que os adultos têm de divertir crianças com más-

caras e fantasias. O fragmento abaixo procura ilustrar seu posicionamento mais crítico em relação ao problema:

L - "Eu sei que dentro daquelas roupas feias de cabeça grande têm pessoas que acham que as crianças estão achando legal. Eu queria ver a cara delas. Acho que lá dentro elas ficam com calor, carregando aquelas cabeças enormes. Será que elas acham graça?"

T - "Lia, isso que você está dizendo me fez pensar que você consegue ver além da máscara... e quer saber mais das pessoas que estão lá dentro..."

L - "É, porque essas pessoas fazem isso?... É trabalho, né?... Mas não tem graça nenhuma... eu nem vejo a cara delas, se estão alegres... e aquelas roupas com tudo grande... chegam perto da gente e eu tenho medo. Você acha que um Piu-Piu tem que ser deste tamanho?"

T - (observando as expressões corporais da criança e questionando-se sobre que outras emoções estão implicadas neste relato) "Você acha, Lia que, junto com o seu medo, vem outra coisa também?"

L - "Ah! Eu tenho raiva. Dá vontade de bater naqueles caras que estão lá dentro."

T - "Alguma vez você já tentou dizer isso para as pessoas que estão dentro das fantasias?"

L - (pensando por alguns instantes) "Aqui no shopping, tinha uns bichos... era Pateta, Minnie e Mickey andando e dando tchauzinho para as crianças, dando pirulitos e eles vieram e eu tentei falar com eles lá dentro... perguntar se estava calor... e ele perguntou o meu nome (sua expressão é de animação); eu tentava ver o rosto dele pelo buraquinho da boca (explica que eram fantasias nas quais

o corpo é do tamanho da pessoa, mas as cabeças são grandes e desproporcionais).”

T - “Puxa Lia, o medo não estava te atrapalhando!”

Nesse momento, explora-se a possibilidade de a criança ter uma ação crítica sobre o problema, na medida em que pode ver ou imaginar as pessoas dentro das fantasias, o que não se sustenta na próxima fala.

L - “É, não muito, mas aí veio outro falando coisas de criançinha e quis me dar uma bala... eu fiquei com medo dele e pedi pro meu pai me levar embora.”

Nas sessões de terapia familiar, os pais relatavam que momentos como esses eram acompanhados de muito choro e alterações neuro-vegetativas (esfriamento das mãos, palidez, suor gelado); Lia “batia em retirada” (saía correndo em qualquer direção).

Lia continua:

L - “Depois me dá raiva, porque fico com vergonha de todo mundo me ver assim. Até minha irmã, que é menor, nem liga para isso e fica rindo de mim.”

Conversamos então sobre como o medo é esperto; está sempre inventando situações para pegá-la distraída. Falamos que os medos têm muitos truques para não deixar as crianças em paz. Ressaltamos que ela era capaz de olhar sem tanto medo para uma máscara, mas, quando apareciam várias, era *demais*: o medo ficava mais forte que ela.

Em 2005, Michael White esteve no Brasil, realizando um Workshop em Salvador, BA. Nessa ocasião, o autor, com novos vocabulários, descrevia como as pessoas nos trazem histórias

finas da sua identidade, isto é, suas histórias de insucessos, fracassos, perdas e tragédias. Nesse sentido, o papel do terapeuta é o de dar visibilidade às múltiplas histórias que estão subordinadas ao relato dominante. Portanto, o relato saturado pelo problema contém uma descrição *fina* sobre a pessoa, pouco *espessa* e *profunda*, no sentido de impedir o aproveitamento de um estoque de outros relatos de sua vida.

O fragmento acima ilustra a tentativa de conhecer mais da Lia-que-possui-e-influi-no-problema e tornar as descrições sobre si mesma mais *espessas*. No entanto, suas narrativas de medo desses personagens ainda são suficientemente fortes para se conseguir a construção, nesse diálogo, de um relato de potência com o qual Lia possa beneficiar-se.

A terapeuta pergunta-lhe então:

T - “Lia, um dos truques desses medos, é ser invisível para os outros. Só você sabe que ele está lá. Eu gostaria de conhecer como ele é. Você pode desenhá-lo?”

Com entusiasmo, papel, pincéis e guache colorido entram em ação. Esse momento foi depois nomeado como “tirar uma fotografia da cara do medo” e teve por propósito ampliar entendimentos sobre como o medo influencia a vida da criança e construir possibilidades de um maior controle sobre o medo por parte dela.

O MEDO E SUA FOTO

O medo de Lia é um desenho que abrange quase uma folha de sulfite inteira. Tentando preservar as descrições de sua autora, ele tem: uma cabeça grande e redonda, uma boca com

dentes feios repleta de pontos pretos que são bichos. Os olhos são arregalados e sai fogo das duas orelhas. Ele tem também pés e mãos de galinha, com três dedos. Fica soltando fogo e anda com lanças de fogo nas mãos que queimam as pessoas. Sobre essa figura, desenha um quadriculado, que são as grades para que ele não fuja.

As curiosidades da terapeuta são muitas e Lia, cooperativamente, vai respondendo uma a uma: O que acontece com os bichos quando ele abre a boca? Lia diz que são cobrinhas pretas que saem quando ele vem assustar. Como são esses dentes feios? “São todos podres”. Quando ele solta fogo? Em que situações? “Quando vem assustar e fica queimando a gente”. Ele nunca descansa? Está sempre pronto para assustar e por fogo nas pessoas? Que nome podemos dar para ele?

No exercício de exteriorizar conversas, encontrar um nome para o medo externalizado oferece uma possibilidade de ampliação de significados. Agora a construção conjunta do controle ou influência de Lia sobre o medo volta a se tornar possível.

UM PROBLEMA PARA O MEDO

No fragmento abaixo, o medo ganha um nome; com o nome, uma identidade; com sua identidade recém-construída, tem forças e fraquezas.

T - “Lia, esse medo parece ser um bicho muito assustador e um grande perigo para você quando ele aparece...”

L - “Não sou só eu que tem medo de máscaras. Já vi muita criança chorar com esses bobos que ficam se fantasiando por aí”.

T - “Você quer dizer que ele assusta outras crianças também?”

L - “Isso eu não sei, mas que tem medo por aí, tem”.

T - “E já que estamos conhecendo o seu medo, fiquei pensando em dar um nome para ele...”

L - “Ah, não sei essas coisas não, não quero nem saber...”

T - “Como solta fogo, ele poderia ser um dragão?”

Lia meneia a cabeça com expressão de dúvida...

T - “Um daqueles diabinhos que moram lá no meio do fogo, com aquele garfo na mão?”

Lia ouve atenta, mas continua em dúvida, isto é, sem respostas. A terapeuta pergunta se gostaria de parar com esta conversa, se o medo está se aproveitando disso para vir assustá-la de novo.

L - “Não, eu tô achando engraçado (sorri com vivacidade). Você sabia que quando ele vem com aquela cara feia, ele faz xixi quando solta fogo?”

T - “Nãooo!” (terapeuta faz expressão de muita surpresa). Como pode uma coisa tão feia dessas fazer xixi? Nas calças? Ele faz ali mesmo?”

L - (rindo) “É, ele pensa que é o bom, mas se atrapalha e faz xixi. E também sai xixi pelas orelhas e apaga o fogo... e fica todo molhado...”

T - E agora que descobrimos isso, você tem um nome para dar pra ele?

Depois de alguns instantes:

L - “Bicho Xixão”.

Terapeuta e criança conversam animadamente sobre esse defeito do bicho que é tão poderoso e faz uma coisa que é “de nenê” segundo Lia. Pensam que isso deve deixá-lo muito envergonhado e mais bravo ainda. Chegam à conclusão que o bicho ERA mais poderoso e perigoso antes dessa descoberta.

Lembrando-se da espontaneidade e ousadia criativa de Michael White no seu trabalho com crianças, a terapeuta sugere a Lia que criem a *caixa do medo*. Decidem que guardarão o Bixo Xixão lá, até que ele aprenda a “ser mais educado e não sair por aí assustando crianças e fazendo xixi na calça”. Lia vai para casa com a tarefa de contar a nova descoberta à família e leva também uma nova narrativa sobre si; já pode decidir alguma coisa sobre a vida do medo.

As sessões que se seguem começam com Lia certificando-se de que o Bicho Xixão continua na caixa. Conta também que ela e a irmã descobriram novos defeitos seus. Sua disposição de falar sobre a vontade de ir a festas de aniversário, comemorações e espaços públicos aumenta. Ao mesmo tempo, Lia começa a demonstrar o ressentimento de estar numa cidade muito distante e diferente da sua. Sente falta de seu animal de estimação – o pônei – e das antigas amigas de escola. Conta que, apesar de ter medo de cachorro, está melhorando, pois ela, a irmã e a avó combinaram de adotar um cãozinho.

Como é final de ano e as festas de comemorações de Natal se aproximam, Lia vem um dia com os pais. Estão satisfeitos com as mudanças da filha, mas angustiados com o seu sofrimento. Há poucos meses atrás, não cogitava sair de casa se sentisse a possibilidade de encontrar máscaras nos lugares aonde fosse, mesmo que tal chance fosse muito remota. Agora quer ir e fica muito nervosa por não conseguir. Por exemplo, vai aos aniversários das amiguinhas, fica “apavorada” e pede para a mãe ir buscá-la imediatamente. Pediu que a deixassem em casa nos passeios pré-Natal.

Como poderiam?

Os pais relatam sua nova habilidade de conversar sobre o bicho-que-assusta-Lia, no lugar do medo-de-Lia. Entendem suas tentativas de enfrentá-lo, mas não conseguem ajudá-la a ir adiante. Essa dificuldade gera neles uma frustração especial, porquanto todos se sentem entristecidos numa época tradicionalmente festiva e de confraternizações; se, por um lado, o empenho de todos trará evolução profissional e financeira futuras, o momento atual é sentido como distanciamento dos entes queridos, ou seja, de perdas.

A terapeuta concorda com Michael White em sua constatação de que o problema externalizado resulta muito atrativo para toda a família, uma vez que podem atribuir os transtornos ao problema como uma entidade separada e externa a si próprios. Contudo, as narrativas de isolamento e impotência frente aos novos desafios relacionados à condição social de migrantes parecem ser limitantes, nesse caso. Essas narrativas conferem poder ao problema.

UMA CONVERSA COM O MEDO

White destaca a escrita¹ como um recurso terapêutico tão útil quanto os meios orais, tradicionalmente mais utilizados nos contextos terapêuticos. Ainda que as terapias através da fala venham se mostrando predominantes, o autor acredita que, em diversas situações, o escrito adquire autoridade sobre o falado, uma vez que o ver se impõe ao ouvir. Descreve que o recurso escrito em terapia, promove a formalização, legitimação e continuidade dos conhecimentos locais produzidos

pelos clientes, possibilitando-lhes a autonomia para criar novas descobertas.

Pensando no recurso da escrita como disparador de reflexões que geram novos significados sobre o problema; pensando neste como um recurso útil para ancorar ganhos terapêuticos, isto é, afirmar os novos conhecimentos locais já construídos e também diante da dificuldade/sufrimento que ainda a paralisa, a terapeuta escreve a Lia:

“Querida Lia,

Ontem, quando estava passando pela sala de brinquedos, ouvi um barulho no armário.

Logo fui ver o que estava acontecendo. A caixa do medo estava tremendo. Abri para ver e lá estava o Bixo Xixão, soltando fogo pelas orelhas e gritando:

– Eu quero sair, eu quero sair!

E eu lhe disse:

– De jeito nenhum. Justo agora que é Natal? Você fica fazendo maldades para as crianças e uma fera como você não pode sair por aí, solta.

E ele respondeu:

– Mas eu não quero assustar a Lia.

– Como não? Eu falei.

– Eu só quero ficar perto dela.

– Nem pensar! Você a assusta e agora ela tem que se divertir por que é Natal, e você faz ela ter medo do Papai Noel.

Lia, veja só o que ele me falou:

– Olha, eu sei que ela está muito triste e se sentindo muito sozinha. Eles não vão viajar para a cidade deles e vão ficar aqui. E eu quero ficar perto dela, para ela não ficar sozinha.

E eu lhe disse:

– Não e não! Pode deixar que a irmã, o pai, a mãe e a vovó gostam dela também e eles é que fazem companhia para ela. Eu contei a ele que também sou sua amiga agora e estou ajudando você a fi-

car feliz aqui em sua nova vida. E veja o que ele respondeu:

– Você sabe cuidar dela?

– Estou aprendendo, eu disse. Ela gosta de desenhar, de brincar de Polly, de jogar e fazer pinturas de guache, lindas. Também conversamos das saudades que ela tem da cidade onde eles moram, do pônei, dos seus tios e tias. Você sabia que ela já tem novas amigas aqui? E que ela conseguiu ir à casa de uma delas brincar? E que o medo de cachorros já está diminuindo? E que ela também experimentou queijo e peito de peru e gostou? E que ela vai ajudar a mãe a fazer um prato de rolinhos de peito de peru e queijo para a ceia de Natal?

E o bicho me falou:

– O seu armário tem muitos jogos que ela gosta, mas não tem todos.

– Ah, isso é comigo e com a Lia, eu disse. Mas, se você quiser, posso comprar alguns, assim ela pode vir e jogar jogos novos. Você acha que ela vai ficar contente?

– Acho, ele disse.

– E você? Eu perguntei.

– Também! Então você pode cuidar dela?

Lia, ele parou de gritar, ficou quieto e continua guardado lá na caixa.

Quando você vier, talvez eu já tenha tido tempo de comprar os brinquedos que ele me sugeriu. Se você quiser, pode ler esta carta junto com a sua família.

Espero você na nossa terça-feira.

*Um beijo,
Adriana”*

A conversa entre terapeuta e o medo teve como propósito documentar o significado do problema externalizado, isto é, como sugere White¹, o problema é que é o problema; é separado linguisticamente da pessoa.

Assim, um diálogo com o problema, como foi apresentado na carta, poderia cumprir a função de propiciar reflexões menos impregnadas de fracassos pelos membros da família. Pensando nos relatos sobre os insucessos de ajudar a filha, a terapeuta lista, em seu diálogo com o medo, as muitas mudanças conseguidas por Lia. De acordo com a tradição escrita, o “fazer ver” põe em evidência os sucessos e confere prestígio ao fato relatado.

As narrativas de tristeza, isolamento e separação compartilhadas pela família também podem aqui ser legitimadas como dificuldades tão importantes quanto os relatos sobre o problema de Lia, tornando-se merecedoras de cuidado.

Assim, a terapeuta procurou dar visibilidade a estas outras narrativas por meio de seu diálogo com o medo. Com isso, pretendia agir implicativamente, isto é, criando, segundo conceito proposto por Pearce⁴, uma força implicativa na mudança de significado do medo, como ameaçador e frustrante, para o significado de *busca de solidariedade e cuidado através do medo*. Assim, o medo, na carta, mostra-se afetado pela tristeza de Lia, pede para que a terapeuta compre brinquedos novos e cuide dela, enquanto ele fica quieto na caixa. Outros sentimentos estão sendo iluminados e as conversas externalizadas entre a terapeuta e o medo podem conferir a este último novas versões.

White¹ utiliza a analogia do texto para descrever a produção de novas narrativas em terapia. Todos os textos têm certo grau de ambigüidade e indeterminação, que subentende a presença de significados implícitos, exigindo, assim, um ato interpretativo do leitor. Nessa interação entre

autor e leitor, a leitura e releitura de um texto produz o constante recontar de uma narrativa, com significados ampliados em relação à anterior. Sendo assim, a despeito das intenções da terapeuta, a carta apenas poderia cumprir seu objetivo de mudança de significados a partir da “leitura” que Lia e seus familiares fariam.

UM MEDO DÓCIL?

No encontro seguinte, a avó trouxe Lia e sua irmã; pediu para conversar “uns minutinhos” com a terapeuta. Decidiu-se que conversariam todas no começo do encontro, pois Lia tinha um pedido de brincar com a irmã e com a terapeuta na sala de brinquedos. Estavam curiosas com os brinquedos novos.

A avó diz então que todos haviam gostado muito da carta e conversado sobre ela em casa. Entretanto, ficaram com uma dúvida:

– “Doutora, queríamos saber se a senhora vai dar alta para a Lia...”

A partir da premissa de que todo texto possui seu grau de ambigüidade, a terapeuta procurou entender como se construiu a interpretação da alta. Na busca do esclarecimento sobre como tal pergunta havia sido gerada, isto é, o que da carta sugeria tal decisão da terapeuta, a avó acrescenta:

– “É que ela ficou com pena do bicho. Será que ela já melhorou?”

A conversa que se seguiu explorou a questão dos sentimentos de tristeza por estarem longe dos familiares nesse final de ano. Acordou-se que o término da terapia seria decidido conjuntamente, levando em conta a opinião de toda a família. Foi lembrado também que essa decisão já não

tinha mais a participação do Medo-Bicho-Xixão, uma vez que ele tinha concordado em passar os cuidados de Lia para as mãos da terapeuta.

Em tom alegre, Lia e a irmã pediram para visitar a sala de brinquedos. Lá encontraram quatro novos brinquedos, dois relacionados à boneca Polly e outros dois jogos de tabuleiro e dados, todos por serem tirados de suas caixas. As crianças e a terapeuta inventaram um nome para esse encontro: *O Natal na sala de brinquedos*.

Tais brinquedos não foram levados pelas crianças, pois são parte do acervo de recursos lúdicos do consultório. Contudo, o significado co-construído é que passa a constituir o “presente de Natal” para Lia: foi o bicho Xixão quem aconselhou as novidades para que ela se sentisse mais feliz, ou menos solitária, nessa época do ano.

O relato alternativo para a narrativa saturada pelo problema ganha mais uma versão: do medo como parceiro de horrores para o *medo como conselheiro e acompanhante dos momentos de solidão e saudades da terra de origem*. Lia e a irmã conversam com a terapeuta sobre suas saudades de tios, primos e sobre as mudanças que estão ocorrendo em suas vidas.

Se os sentimentos de ter medo começam a dar lugar aos sentimentos de se sentir só, as conversas ganham um novo sentido: Com quem eu quero e posso estar? Com quem posso contar? Quem pode ser um novo amigo? Como elas, as irmãs, podem ser companheiras, já que terão que esperar que os pais terminem sua formação? As novas narrativas, porém, para ganharem consistência, precisam ser levadas para outros contextos das vidas dos clientes e, dessas novas experiências, os relatos dominantes

acabam por ceder espaço às formas preferíveis de agir.

MÃOS MENOS ASSUSTADAS PODEM SER MAIS CUIDADORAS.

No encontro seguinte os pais vêm com Lia. Estão tensos e frustrados com os acontecimentos. Lia está de acordo com essa avaliação dos pais.

Contam que todos foram ao shopping passear e estavam felizes porque Lia estava corajosa; combinaram também que não teria que se aproximar do Papai Noel, caso o bom velhinho estivesse de plantão. Todos entendem que Lia sabe que são pessoas fantasiadas e que assim mesmo se sente desconfortável.

No entanto, o som de uma banda de animação infantil, mesmo fora do alcance dos olhos, a fez paralisar em seu lugar, começar a tremer, suar e chorar. A mãe correu para o estacionamento para apanhar o carro. A irmãzinha entrou na livraria onde a avó se encontrava, pois tinham que ir embora. O pai sugeriu que entrassem numa loja, enquanto a banda com suas máscaras passassem. Lia aceitou; aceitou também água com açúcar e um lugar para sentar dentro da loja. Quando estava mais calma saiu com o pai, encontrou o resto da família e foram para casa. Escolheram, mais tarde, um passeio ao ar livre.

A terapeuta perguntou à Lia se, apesar de todo o desespero que passou, havia algo de diferente nessa situação. Com semblante entristecido, a criança move a cabeça afirmativamente. O fragmento que segue ilustra o relato de uma nova forma de enfrentamento:

T - “Você fez alguma coisa de diferente dessa vez, Lia?”

L - "Acho que fiz..."

T - "E o que foi?"

L - "Não saí correndo... Eu e o meu pai ficamos ali parados... eu me escondi atrás dele e nós fomos andando até a loja de skates."

Pai - "É, nós fomos assim... de trenzinho. Eu falei para ela sentar de costas e isso ajudou. Também a moça da loja ficou preocupada e foi buscar um copo d'água."

L - "É, e ela pôs açúcar. Eu fiquei com vergonha porque ela disse que isso não era nada e eu já era grande."

T - "Ela não sabia como você vem lutando para mandar o seu medo embora. Você acha que teve alguma coisa que te ajudou a fazer diferente?"

L - "O meu pai... sentar lá, tomar água."

Lia explica como todo mundo fica nervoso e bravo quando ela tem medo; a mãe também sai correndo com ela. Conta que o pai ficou ao seu lado.

L - "Ele falou: Calma, Lia, vai passar e daqui a pouco a gente vai sair daqui."

T - "Foi isso que ajudou a passar o seu mal-estar?"

L - "Fiquei lá de mão dada com o meu pai."

T - "Então você descobriu outro jeito de enfrentar o seu medo?"

Pai - "Puxa, eu não tinha percebido que fizemos tudo isso!"

T - "Lia, eu fiquei pensando que você preferiu dar a mão para o seu pai e não para o medo."

Lia lembra que o medo está ficando cada vez mais preso na caixa e a terapeuta pontua que ela está aprendendo a utilizar cada vez mais as mãos que sabem cuidar dela. A mãe conta que fica muito ansiosa com os "ataques" da filha e que não consegue

acolhê-la; nunca havia pensado em como eles também a assustam quando ficam nervosos.

Transcorridas as festas de final de ano a família volta dizendo que todos estavam se sentindo muito bem e que nem Lia, nem os pais se assustavam tanto quando o medo aparecia. Lia e a irmã também estavam aprendendo a comer maior variedade de alimentos, o que era uma preocupação constante do casal.

Alguns encontros após, Lia e os pais decidem que a terapia poderia chegar ao seu fim. O Bicho Xixão foi condenado por ela a ficar na *caixa do medo*, onde se encontra até os dias atuais no armário da sala de brinquedos.

A caixa do medo passou a ser uma ferramenta útil para o trabalho com outras crianças que possuem transtornos semelhantes. Lá têm sido depositados, na forma de desenhos, dobraduras e esculturas, aranhas, bruxas-que-assustam-à-noite, sapos-venenosos-que-fazem-vomitar-na-escola, monstros-escuros-que-dão-dores-na-barriga; enfim, toda a sorte de externalizações de fantasias e sensações assustadoras que rondam a infância, comprometendo o direito ao desenvolvimento sereno e seguro dos pequenos.

É comum que, ao aceitarem guardar seus algozes nessa caixa, as crianças fiquem curiosas sobre as outras obras que lá se encontram e perguntem por sua história. O contar e recontar histórias de crianças desconhecidas entre si tem possibilitado a construção de sentimentos de pertinência a um grupo de pares que se torna presentificado pelas diversas obras infantis e pelos relatos da terapeuta. Desse modo, recursos gerados por uns passam a ser ferramentas para outros.

Assim como Lia, os outros pequenos clientes preferem deixar seus medos concretizados pelos recursos lúdicos no consultório, quando vão embora. Partem mais livres e confiantes, e eu lhes garanto que a caixa continuará guardando essas criaturas desagradáveis que circulam por aí, apavorando injustamente as crianças.

REFLEXÕES FINAIS

O leitor não familiarizado com a Terapia Narrativa poderá se perguntar, após a leitura do texto, pelas possíveis classificações que, segundo outros aportes teóricos, se adequariam ao problema que afetou Lia, suas relações familiares e suas relações com o mundo. Poderá se perguntar ainda sobre as causas do problema e, a partir disso, imaginar que outras abordagens de tratamento também caberiam para o mesmo relato.

Segundo a proposta construcionista social, as realidades nas quais as pessoas estão inseridas se constroem na linguagem. Dessa proposta deriva a crença de que não existe o fato em si (nesse caso, um problema objetivado por uma descrição diagnóstica), mas um evento construído, linguisticamente, pelas pessoas que se encontram envolvidas. Dito de outra forma, o terapeuta que trabalha informado pelo Construcionismo Social desloca-se do entendimento da linguagem como representacional para uma compreensão da linguagem como constitutiva. Assim, as classificações de transtornos podem ser entendidas como opções discursivas, proporcionando ao terapeuta a reflexão sobre a utilidade de seu uso em cada contexto terapêutico.

Em Salvador (BA), questionado sobre o alinhamento de sua teoria com o Construcionismo Social, Michael White, lembrando sua formação como Assistente Social, afirmou o seu descompromisso com qualquer outra abordagem teórica ou psicológica. Apesar desse posicionamento, concordo com Raser e Japur ao visualizarem as ferramentas clínicas propostas por ele "como uma prática construcionista no campo da psicoterapia"⁵

Os conceitos de histórias finas, saturadas de problemas que impõem às pessoas versões identitárias de impotência e fracasso pessoal, de externalização do problema como recurso lingüístico que separa a pessoa do problema e permite identificar episódios nos quais esta não se submeteu à narrativa dominante convidam a uma reflexão sobre o papel da linguagem na construção de significados que promovam a produção de novas e melhores narrativas sobre si mesmo.

Para as novas gerações de terapeutas familiares, que não terão oportunidade de vê-lo trabalhando, desejo, ao compartilhar essa experiência, colaborar para manter viva a escuta extraordinária de Michael White para as imposições identitárias que as narrativas sobre as crianças vão adquirindo, subjugando-as a modos de vida infelizes.

Sua voz não mais será ouvida, mas o seu mérito literário ao descrever a terapia está vivo e ao alcance de todos que se dispõem a colaborar com crianças e suas famílias na construção de histórias mais desejáveis.

REFERÊNCIAS

- 1 WHITE, M.; EPSTON, D. *Medios narrativos para fines terapêuticos*.

- Trad. Ofélia Castillo, Mark Beyebach e Cristina Sánchez. Buenos Aires: Paidós, 1990 (p.30).
- ² WHITE, M.; EPSTON, D. *Medios narrativos para fines terapéuticos*. Trad. Ofélia Castillo, Mark Beyebach e Cristina Sánchez. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- ³ WHITE, M. *Guias para uma terapia familiar sistêmica*. Barcelona: Gedisa, 1994.
- ⁴ PEARCE, W.B. *Novos Modelos e Metáforas Comunicacionais: A Passagem da Teoria à Prática, do Objetivismo ao Construcionismo Social e da Representação à Reflexividade*. In: SHINITMAN, D.F. (org.) *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- ⁵ RASERA, E.F.; JAPUR, M. *Grupo como Cosntrução Social: Aproximações entre construcionismo social e terapia de grupo*. São Paulo: Vetor, 2007 (p. 75).